

# Leitura

## Teatro da anarquia - um resgate do Psicodrama

WILSON CASTELLO DE ALMEIDA  
Psicoterapeuta

Para quem desconhece o que seja Psicodrama, urgem duas palavrinhas: trata-se de proposta para trabalhar as relações humanas, em suas necessidades individuais e grupais, pedagógicas e psicológicas, terapêuticas e existenciais, através dos elementos revolucionários do chamado "teatro espontâneo", criado pelo médico Jacob Levi Moreno, em 1921. O assunto interessa a um leque de categorias profissionais: artistas, atores, teatrólogos, dramaturgos, sociólogos, educadores, psicólogos, psiquiatras, psicoterapeutas ou, simplesmente, pessoas interessadas em conhecer como se dão os processos criativos pelos papéis psicodramáticos.

O livro em epígrafe coloca-nos diante desse mundo, em seus capítulos assim alinhavados: 1 — Um novo teatro; 2 — Viabilizando o espetáculo; 3 — Uma arte sem público; 4 — O projeto científico; 5 — A cura repensada; 6 — Pedagogia do anarquismo.

Mas não se espera encontrar aí um livro didático, no sentido daquele que aborda, de modo formal, a história, os conceitos e a prática psicodramática. Este é um texto de paixão. E como fazem falta, em nosso dias, os posicionamentos corajosos e apaixonados! Este é um texto inspiradamente moreniano. E como faz falta, em nosso meio, a retomada da proposição original do romeno Moreno (vale o anagrama)!

O autor, Moisés Aguiar, é psicólogo, psicoterapeuta, professor universitário, psicodramatista. Quem não o conhece pessoalmente

poderá sentir, ao tomar contato com sua tese, a inteligência, a sensibilidade e a erudição que lhe são predicados e, mais do que isso, o amor com que a escreveu e a transmitiu.

Sendo isto uma resenha, poderíamos terminar aqui, indicando o livro aos interessados, por se tratar de um trabalho sério e digno dos mais exigentes bibliômanos. Entretanto, sinto-me obrigado a estender um pouco, para falar aos que já conhecem o tema ou aos que compõem o movimento psicodramático brasileiro.

Sabemos todos ser a obra de J.L. Moreno de leitura espinhosa e que a sua "práxis" está distanciando-se da genial inspiração do mestre.

Moisés, já à introdução, quase panfletária, entra rijo: sua dissertação é um "esforço de reconstrução da identidade ameaçada". Escreve, pois, para fazer um resgate do Psicodrama (sem ingenuidades). O título — *Teatro da Anarquia* — é o primeiro soco que nos sacode de forma vigorosa em direção à mensagem de "rebelia contra obviedades prontas para serem consumidas". Percebe-se, à leitura, que ele vai fundindo, gradativamente, num estilo limpo, seus estudos, suas reflexões, sua prática e a profunda compreensão obtida das entrelinhas psicodramáticas. Revela-nos, oblativamente, as lições de humanidade contidas na saga moreniana, onde há teatro, política, religião, psiquiatria, psicologia, sociologia e tudo o mais que é preciso conhecer, para se atingir a crença no homem espontâneo, não determinado, não reduzido, não robotizado.

E como numa primeira vez, fui percebendo novamente porque Moreno é autor difícil: ele exige muito de seu leitor. Exige conhecimentos amplos, espírito crítico-criativo, disposição ao debate com a "conserva cultural", abertura para o outro, diálogo e encontro. Exigências que nos amedrontam e amesquinham. Mas Moisés topou a parada, por-

que tem estas exigências e disponibilidades consigo, oferecendo-nos uma versão clara e culta das idéias de Moreno.

Um livro imperdível.

## As razões de uma Ética

VERA LUCIA COLUCCI

"Psicanálise e Contexto Cultural", de Jurandir Freire Costa (Editora Campus, 1989) é fruto de investigação realizada durante cinco anos no ambulatório psiquiátrico do Hospital D. Pedro II, Rio de Janeiro. Se não foi possível dar continuidade a esse trabalho devido ao expurgo de toda a equipe responsável, inclusive o autor, foi possível, no entanto, transformá-lo em tese de livre-docência defendida na UERJ e agora apresentado ao público na forma de livro.

De um modo simples, mas enfrentando as dificuldades que o tema exige, Jurandir nos faz companheiros de suas investigações extra-muros da psicanálise. Seu trabalho faz eco a muitas das inquietações a que está sujeito o psicoterapeuta que trabalha atendendo a população pobre, como por exemplo: dificuldades que surgem do impacto das diferenças culturais entre o terapeuta e o paciente. Seu estilo despojado contribui muito para questionarmos preconceitos teóricos, já suspeitados, e a quebrar ícones sagrados, numa prática que se pretende universalista sem questionar suas próprias condições de produção. O livro de Jurandir é bem-vindo porque oferece uma interlocução ao trabalhador de saúde mental e avança em questões teóricas de modo estimulante. Frequentemente com falta de referentes